

Como se nada tivesse acontecido

Enquanto ocorre a discussão sobre a tramitação no Conselho de Ética, os principais envolvidos no processo tentam agir aparentando normalidade. ACM foi ontem ao plenário e fez apartes no discurso do senador Pedro Simon (PMDB-RS), que falou de ética e moral na política. Na saída, ao contrário do que afirmou anteriormente sobre a necessidade de criar a CPI mista, ele criticou a tentativa

da oposição de ressuscitar as investigações, agora, só no Senado. "Se aqueles que querem me punir pretendem ter minha assinatura, não posso os atender", disse ele, em tom de ironia.

Já o senador José Roberto Arruda não foi ao plenário e tentou evitar o contato com a imprensa. Ao ser surpreendido pelos jornalistas, reagiu com nervosismo. "Vocês já não fizeram uma porção de fotos minhas?", indagou ele. Ao entrar no gabinete, ele esbarrou num

fotógrafo e pediu: "Por favor, saia". Em seguida, a porta foi fechada. A assessoria informou que ele passou a tarde retornando a telefonemas e pondo as atividades em dia. Os assessores destacaram ainda que as mensagens de "apoio e solidariedade" continuam chegando ao gabinete.

A polêmica lançada pelo senador Amir Lando (PMDB-RO), que é contrário que o relator a proponha punição no parecer, alegando que o papel dele

é apenas definir se deve ou não ser instaurado processo de cassação, foi rechaçada no Congresso. Até o líder do PFL no Senado, Hugo Napoleão (PI), defensor do abrandamento da pena para ACM e Arruda, condenou a opinião de Lando.

"Ninguém pode proibir o Saturnino de sugerir a penalidade, mas a cassação, no caso, é punição extrema, pois não houve prejuízo algum à Nação", afirmou. "O relator não pode ser censurado ou policiado", completou Tebet. (Agência Estado)

Senadores acusados de fraude tentam mostrar normalidade no plenário